

A OBRA LITERÁRIA COMO FONTE DE ESTUDO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO¹

Fernanda Maria Diniz da Silva²
Orientador: Francisco Ari de Andrade³

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão acerca da utilização da obra literária como fonte de estudo para a história da educação. A obra literária, além de ser produto de seu tempo, é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem. Desse modo, configura-se como uma importante fonte de estudo da história e mais especificamente da história da educação brasileira. A metodologia utilizada é de natureza historiográfica, com foco na história da educação, a partir da leitura analítica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Ao longo do artigo, verifica-se que, por meio de obras ficcionais, é possível analisar a configuração e a reconfiguração da escola brasileira, no projeto educacional republicano. Como fundamentação teórica, faremos uso das contribuições de estudiosos como Sandra Pesavento, Antonio Candido, Paul Ricoeur e Dermeval Saviani.

Palavras-chave: Educação, Literatura, História, Romance, Imagem.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão acerca da utilização da obra literária como fonte de estudo para a história da educação. As discussões que dizem respeito à História e à Literatura inserem-se na abrangência da História Cultural, área que tem crescido e se destacado no âmbito das pesquisas acadêmicas da atualidade. Para a História Cultural, a relação entre a História e a Literatura se dá no plano epistemológico. De acordo com Pesavento:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é

¹ Este artigo faz parte da pesquisa que desenvolvi no Pós-Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará em 2019. A pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Ari de Andrade.

² Doutora em Letras (UFC). Pós-doutora em Educação (UFC). É professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc-Ce). Atua como Coordenadora Pedagógica da Escola de Gestão Pública do Estado do Ceará (EGPCE). E-mail: fernandamdsilva@hotmail.com

³ Professor Associado do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação - FACED e do quadro Permanente de Docente do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC. Doutor em Educação Brasileira, pelo PPGE-UFC. Pós-Doutor em Educação e Contemporaneidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: andrade.ari@hotmail.com

condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma (2008, p. 82-83).

Desse modo, a literatura se configura como uma importante fonte de estudo da História e mais especificamente da História da educação brasileira. Vale ressaltar que este trabalho não visa apenas analisar imagens da educação presentes na Literatura, mas, sobretudo, conforme ressalta Antonio Candido: “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce” (CANDIDO, 2006, p. 9).

Nesse sentido, tomaremos como fonte o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, levando em consideração seus aspectos históricos e literários. Sendo assim, é possível afirmar que o estudo da obra literária como fonte pode demonstrar como a sociedade entende as instituições escolares e seus membros a partir de imagens relacionadas à rotina escolar, à prática pedagógica e à relação entre professor e aluno.

METODOLOGIA

As pesquisas que envolvem as contribuições da História e da Literatura possibilitam não somente o estudo da História da educação, mas também a compreensão sobre o contexto histórico-social do Brasil de determinado período. No que se refere à relação entre a obra literária e o campo social em que se insere, Borges explica:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos [...] e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste (2010, p. 98).

Desse modo, é importante verificar como cada obra representa historicamente os dilemas de seu tempo. Trata-se, pois, de encarar o texto literário “na condição de entidade mediadora, isto é, valendo não por si (ou não apenas em si), mas enquanto domínio de projeção do espaço social que o engloba” (REIS, 1983, p.290). Nessa perspectiva, aspectos como práticas pedagógicas, posturas didáticas, rotina escolar e relação professor e aluno são focalizados a partir do espaço social produzido pela obra. Afinal toda produção artística é

produto de um tempo e de um lugar específicos e se relaciona à atuação do homem em interação com a sociedade.

Com efeito, ao longo do trabalho, são analisadas as “imagens literárias”, que se relacionam à educação. Vale ressaltar que o termo “imagens” foi utilizado por Pinto Neto (2001, p. 18), para se referir às construções mentais que contribuem com o estudo da História da educação Brasileira.

Andrade também faz uso do termo “imagem literária”, caracterizando-a como:

conhecimento construído sobre o objeto eleito, nas relações do indivíduo com o seu meio social, uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre uma realidade experimentada. A manifestação de tal termo se dá por ocasião da visão de mundo do escritor, seu pertencimento a uma classe social, sua relação com os problemas de seu tempo e com os atores sociais (2016, p. 245).

Desse modo, a partir do estudo de obras literárias é possível focalizar importantes aspectos da História da educação. Ribeiro salienta que a Literatura é uma instituição social viva, que deve ser entendida como um processo “histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário” (2000, p. 97). Nesse sentido, a obra literária nos dá subsídios relevantes para a pesquisa no âmbito educacional.

No que se refere à relação entre História e Literatura é importante ressaltar os estudos de Paul Ricouer. *Tempo e narrativa*, uma das nossas principais fundamentações teóricas, é o título de uma importante obra do filósofo francês publicada pela primeira vez em 1894, mas lançada no Brasil somente dez anos depois.

A obra, que se divide em três tomos, oferece ao leitor reflexões fundamentais sobre o tempo, como, por exemplo, a proximidade entre a intenção do historiador e a do romancista ao produzir uma narrativa. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, buscaremos subsídios teóricos, sobretudo no capítulo “O entrecruzamento da História e da Ficção”, situado no Tomo III. Nessa parte, o estudioso fundamenta seu pensamento a partir dos preceitos sobre representância do passado, de Hayden White, e da teoria da leitura sistematizada por Roman Ingarden. Trata-se, pois, de uma base voltada para a fenomenologia e para a estética da recepção. Ainda neste capítulo, Paul Ricouer afirma que tanto a História quanto a Literatura trabalham com o ato de leitura para refigurar o tempo. Assim, as duas áreas se valem das mediações imaginárias no processo de refiguração de uma experiência temporal.

Dessa maneira, o filósofo reflete que, se “a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia” (RICOEUR, 1997, p.329). Para Ricoeur, a ficção se aproxima da

História por trabalhar com acontecimentos irreais como se fossem fatos passados, por meio de uma voz narrativa. Já a História se assemelha à ficção, por contar acontecimentos reais, elaboradas pela presença narrativa.

Neste cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam (PESAVENTO, 2008, p. 113). Sendo assim, a partir das contribuições de Ricouer e Pesavento, observa-se que o entrecruzamento entre História e Literatura se dá pela refiguração do tempo durante o ato de leitura.

No tocante aos estudos sobre educação no Brasil, são fundamentais as pesquisas desenvolvidas por Dermeval Saviani, presentes no livro *História das ideias pedagógicas no Brasil*, no qual apresenta quatro períodos, a saber: O primeiro, apresenta as ideias pedagógicas entre 1549 e 1759, período em que ocorreu o monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional. No segundo, são abordadas as ideias pedagógicas entre 1759 e 1932. Esse é o período caracterizado pela coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional. O terceiro período (1932 a 1969) focaliza o predomínio da pedagogia nova. No último, período que vai de 1969 a 2001, o autor aborda a concepção pedagógica produtivista.

Desse modo, privilegiamos como metodologia a pesquisa bibliográfica aliada à análise histórica e literária da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

DESENVOLVIMENTO

Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), obra literária de Machado de Assis aqui tomada como fonte, foi publicada no segundo período sistematizado por Saviani. Isso possibilita a construção da imagem da educação brasileira pós-monopólio da corrente religiosa da pedagogia de cunho tradicional, bem como do momento de transição do Brasil Monárquico para o Brasil República.

No âmbito da Literatura, é válido ressaltar as pesquisas desenvolvidas por Antonio Candido que, no livro *Literatura e Sociedade*, explica que o aspecto externo (no caso, o social) vale, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na formação da estrutura, tornando-se, portanto, interno. Nesse sentido, o fator

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

social não é tomado exteriormente, como referência temática ou enquadramento contextual, mas como elemento da própria elaboração artística. Para o estudioso, o valor de uma obra não está, pois, restrito à sua capacidade de exprimir aspectos da realidade. Por isso, é importante que as obras sejam analisadas, considerando tanto os seus aspectos sociais quanto os seus elementos literários, linguísticos e estilísticos.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, é possível verificar importantes imagens relacionadas à educação. As personagens da obra representam uma síntese não só da elite, mas também do povo daquele tempo. Machado de Assis, sob o olhar de um defunto, retrata o caráter, a cultura, o sentimento e o modo de vida no século XIX.

A infância do personagem Brás Cubas, protagonista da narrativa, como a de todo membro da sociedade patriarcal brasileira da época, é marcada por privilégios garantidos pelos pais. Na juventude, apaixona-se por Marcela com quem gasta muitos recursos da família. Seu pai, com o objetivo de controlar a vida desregrada do filho resolve mandá-lo para a Europa para estudar leis e alcançar o título de bacharel em Coimbra. Brás Cubas segue contrariado para a universidade. Em Portugal, a rotina sem responsabilidades não se altera muito. Com o certificado nas mãos, mas nenhuma disposição para o trabalho, o jovem retorna ao Brasil e segue sua vida desfrutando dos privilégios dos mais favorecidos do país.

Observa-se que esse tipo de atitude de estudar fora e retornar ao Brasil com seu diploma de “doutor” era uma conduta comum das classes ricas da época, o que já nos possibilita uma visão da educação do período.

Brás Cubas recebeu como castigo ter que estudar Direito em Coimbra e deixa claro que, embora não tenha aprendido muito, foi diplomado:

A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, – principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. (ASSIS,1997, p.56).

Segundo Teixeira (1969), até o final do século XIX havia apenas 24 estabelecimentos de ensino superior no Brasil com cerca de 10.000 estudantes. Esse contexto histórico mostra que o diploma de um curso superior no século XIX no Brasil garantia uma posição privilegiada em um universo caracterizado por poucos letrados e um alto grau de analfabetismo. Sendo assim, para obter um diploma de curso superior naquele período era preciso ser integrante de um grupo social abastado, uma elite que ao se formar em um curso

superior acabava por viver em “uma ilha de letrados num mar de analfabetos” (CARVALHO, 1980, p. 51).

Ao longo da narrativa, observa-se que Brás Cubas também não valoriza sua vida escolar: “Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias onde quer que fosse propício a ociosos” (ASSIS, 1997, p.40). Como se nota, a escola do período é caracterizada como portadora de uma metodologia cansativa e pouco atrativa de onde não raramente os alunos tentavam fugir.

A palmatória é o método educacional utilizado pelo personagem professor Barata, conforme é visto no seguinte trecho:

Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias (ASSIS, 1997, p.40).

O uso da palmatória é proibido no Brasil. No entanto, até o século XIX, essa prática era utilizada de forma natural para educar crianças. Nísia Floresta discorre sobre a prática da palmatória tão presente nas obras de Machado de Assis:

O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência! Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite! A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas, onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência, nem o menor acatamento ao ó importante magistério, que sem compreender exerciam. (FLORESTA, 1889, p.57-58).

O trecho citado foi retirado do livro *Opúsculo Humanitário*, publicado em 1853, quase 30 anos depois da promulgação da Lei Imperial que vetava o uso dos castigos físicos nas escolas, mostrando que o que reza a lei nem sempre condiz com aquilo que a sociedade experimenta em seu cotidiano.

O professor é outra imagem a ser destacada na obra. O profissional é menosprezado e o seu endereço é ridicularizado pela descrição: “... metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita...” (ASSIS, 1997, p.40).

Dentre as imagens da obra, é importante destacar a dos escravos e a dos alforriados que não recebem educação formal e limitam-se a reproduzir os ensinamentos vividos. Um

exemplo disto é o alforriado Prudêncio, que comprou um escravo e praticava as mesmas barbáries que um dia sofreu e continuava se mantendo submisso ao antigo dono. Machado de Assis inclusive narra o diálogo entre Prudêncio, antigo moleque e escravo de Brás Cubas, com seu antigo senhor, mostrando a submissão e a repetição das maldades recebidas contra um semelhante, como se o fato fosse totalmente natural (ASSIS,1997, p.40).

Sendo assim, verifica-se que a obra de Machado de Assis revela importantes aspectos da educação brasileira no século XIX.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelo que foi aqui brevemente exposto, é possível observar que a obra machadiana apresenta o Brasil no século XIX, caracterizado por uma elite liberal influenciada pelas ideias europeias, mas ainda adepta ao escravismo.

No que se refere à educação feminina, nota-se que na obra de Machado de Assis Eugênia é a personagem que representa a submissão relegada à figura da mulher da época. Apaixonada por Brás, a moça percebe que está sendo desprezada por ele, mas concorda com sua atitude, demonstrando uma submissão que é reflexo da educação recebida: "... com simplicidade; faz bem - E como eu nada dissesse, continuou: - Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas" (ASSIS,1997, p.78).

Segundo John Gledson, estudioso da obra de Machado de Assis e crítico literário: "Machado, como muitos outros romancistas do século XIX, desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia" (1986. p. 16). A mulher machadiana, portanto, está relacionada ao mundo senhorial do século XIX, no qual o casamento e a família eram os poucos lugares de atuação do sexo feminino.

Dessa forma, a mulher brasileira branca do século XIX surge "como um ser despersonalizado, com atividade circunscrita ao lar e à Igreja, salvo pouquíssimas exceções (...). Sua situação era de subserviência, até jurídica, passando das mãos do pai às do marido" (LORDELLO, 2002, p. 43).

Brás Cubas discorre também sobre a formação do seu caráter que é produto dos ensinamentos que recebeu dos pais:

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca,... temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma cousa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa (ASSIS, 1997, p.33).

Como se verifica, Brás Cubas cresceu sem limites e todas as suas vontades eram prontamente atendidas pelos pais. Segundo Zagury (2003), colocar limites é um modo de ajudar a criança a modificar o seu comportamento, sem prejudicar a sua autoestima. Nessa perspectiva, a compreensão e a firmeza dos pais, na correção de comportamentos inadequados, junto com o desenvolvimento da maturidade e da capacidade de autocontrole da criança, contribuem com a substituição das ações impulsivas e inaceitáveis por condutas adequadas. De fato, o que se observa em Brás Cubas é uma personalidade que se desenvolveu totalmente desprovida de limites e de responsabilidades.

Assim, verifica-se que a literatura constitui como uma importante fonte para o estudo e a análise da educação e seus atores, conforme se verificou no texto machadiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo trabalho, buscamos mostrar a importância da Literatura como fonte de estudo e de reflexão para a História da Educação, a partir da utilização de obras de ficção, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É possível observar que, em geral, a escola apresenta ao longo do século XIX práticas opressoras que não preparam o educando para superar os desafios da vida fora do espaço escolar. Além disso, a prática pedagógica representada na obra se volta para uma sociedade na qual as amarras da repressão e da exploração estão vigentes.

É importante ressaltar que muitas das imagens relacionadas à área educacional retratadas na ficção da segunda metade do século XIX, por exemplo, ainda permanecem fortalecidas em pleno século XXI, por meio da desvalorização da atividade do magistério, de práticas pedagógicas desvinculadas da realidade e de instituições escolares que não atendem às necessidades dos seus estudantes.

Diante disso, é inegável que, embora a educação brasileira tenha se desenvolvido ao longo da história, ainda há muitos desafios a serem superados, sobretudo no que se relaciona ao currículo, à formação de professores e à valorização da escola enquanto instituição fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco Ari de. A escola brasileira representada em duas obras de ficção. **Revista Linhas**. Florianópolis, nº 35, vol.17, p. 241-269, set/dez 2016. Disponível em: http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016241/pdf_138. Acesso: 08/05/2017

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BORGES, Valdeci Rezende. “História e Literatura: Algumas Considerações”. Goiás: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem/Teatro de sombras**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez /Brasília, INEP, 1989.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LORDELLO, Josette Magalhães. **Entre o Reino de Deus e dos Homens: a secularização do casamento no Brasil do século XIX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO NETO, Pedro Cunha. **Ciência, literatura e civilidade**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000217852>>. Acesso: 08 de setembro/2015.

REIS, Carlos. **O discurso ideológico do neorrealismo português**. Coimbra: Almedina, 1983.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

Teixeira A. **O ensino superior no Brasil** – análise e interpretação de sua evolução até 1969.
Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.